

Realinhamento e confronto SEGUNDO TURNO DÁ NITIDEZ À ESCOLHA ELEITORAL

*Rogério L. Furquim Werneck**

Afinal prevaleceu a prudência. Em boa hora o País recusou-se a dar a vitória a Lula no primeiro turno. Por pouco, não logrou ser eleito presidente um candidato que, sem sofrer contestações relevantes, conseguiu sucesso retumbante com um discurso novo-em-folha, pasteurizado pela marquetagem e radicalmente distinto do que vinha sendo adotado ainda há poucos meses. A campanha do segundo turno, por curta que seja, abre afinal a oportunidade para a confrontação de idéias e dá mais nitidez à escolha eleitoral.

Está em curso um benfazejo realinhamento de forças políticas que vai tornando mais clara a real natureza do confronto que marca a eleição presidencial. Algo que a esquizofrenia da campanha do primeiro turno vinha de certa forma turvando. O quadro agora torna-se límpido. De um lado, trata-se de confronto entre um candidato do governo e um candidato das oposições. De outro, por mais que Lula queira ser percebido como estando à direita de onde verdadeiramente está e que Serra prefira ser visto à esquerda de onde de fato está, a verdade nua e crua -- e algo acadiana -- é que, gostem ou não, Lula está à esquerda de Serra e, portanto, Serra à direita de Lula. E, nesse sentido, trata-se também de um confronto entre esquerda e direita, por mais decepcionados que fiquem os que insistem em sonhar com um País em que todos são declaradamente de esquerda.

A rearticulação de forças políticas está realçando a distinção entre Lula e Serra ao longo dessas duas linhas. Lula vê-se forçado a se mover para a esquerda. E Serra, a se mover para a direita. Ao mesmo tempo que Lula tenta contemporizar com Garotinho, para trazê-lo para seu palanque, quando este o acusa de “direitização”, Serra se vê obrigado a engolir em seco e, às pressas, cortejar o PFL e o PPB.

A essa altura, Serra parece só ter uma alternativa. Assumir afinal, de peito aberto e sem qualificações, a condição de candidato do governo. Na campanha do primeiro turno, o candidato deu-se ao luxo – que quase lhe foi fatal – de se declarar governista em certos aspectos mas nem tanto em outros, com o cuidado criterioso de quem escolhe tomates em uma banca de feira. Ao alimentar dúvidas sobre a qualidade da banca, deixou confuso o eleitor. Não é que o eleitorado tenha mostrado no primeiro turno que prefere a oposição. Boa parte dos eleitores percebeu a eleição como uma escolha entre quatro discursos de oposição. E o de Lula acabou sendo o preferido. Se alguma esperança ainda resta a Serra, é brandir afinal, com entusiasmo convincente, a bandeira de FHC. E mostrar-se disposto a defender o governo em todos os flancos. Não se trata de nada muito custoso. Apesar de todas as ressalvas que possam ser feitas, ao fim de oito anos de mandato, FHC deixa saldo altamente positivo, como atestam os 60% do eleitorado que, bem ou mal, ainda avaliam positivamente seu governo, nesse apagar das luzes. O PT anunciou que quer fazer do segundo turno um plebiscito sobre FHC. Talvez seja a oportunidade que faltava a Serra.

O crescimento econômico decepcionante de 2002 não deve obscurecer o fato de que está afinal em curso, com extraordinário vigor, o tão esperado ajuste das contas externas. Algo que

poderá ampliar em muito as possibilidades de expansão da economia no próximo governo. Principalmente se o novo presidente souber equacionar com competência as dificuldades na área fiscal. Nesse sentido, é importante que, na curta campanha do segundo turno, Serra seja capaz de mudar a ênfase do seu discurso econômico, para poder contrastar com Lula no que realmente importa. A famosa ponta do barbante, tão repisada por Serra no primeiro turno, já está sendo rapidamente puxada pela depreciação cambial. O emaranhado vai-se desfazendo sem qualquer surto de ativismo governamental. Já há quem preveja que o saldo da balança comercial vá superar a marca dos US\$ 10 bilhões em 2002. A economia brasileira mostra que não é exatamente uma Costa Rica. Graças à sua escala, à sua diversificação e à vitalidade e versatilidade do seu complexo sistema industrial, vem afinal respondendo de forma intensa aos estímulos da depreciação cambial, apesar das condições adversas dos mercados externos. Não vai ser prometendo mais ativismo governamental nessa área que Serra vai conseguir se diferenciar do PT.

O que, sim, daria destaque a Serra no confronto com Lula seria a discussão da agenda fiscal. Por mais que se queira tergiversar, as grandes questões do próximo mandato presidencial girarão em torno da reforma tributária e do desafio de dar solidez às contas públicas e, ao mesmo tempo, assegurar que os três níveis de governo possam abrir espaço nos seus orçamentos para redirecionar o gasto público em benefício das parcelas menos favorecidas da população.

Recém-convertido à crença na importância da responsabilidade fiscal, o PT, antes de mais nada, padece de sérios problemas de reputação e credibilidade nessa área. Com profundas raízes corporativistas, é pouco provável que o partido venha a se dispor a afrontar os interesses que necessariamente seriam prejudicados por medidas destinadas a assegurar uma recomposição substancial do dispêndio público, nas três esferas de governo. Serra tem condições de mostrar que tem muito mais vivência, traquejo, reflexão e firmeza para enfrentar com sucesso a agenda fiscal. E tem a vantagem de poder acenar com a possibilidade de arregimentar recursos políticos mais vastos para esse propósito, caso ganhe a eleição. Apesar da significativa ampliação da bancada da esquerda no Congresso, Serra possivelmente contaria com base parlamentar bem mais ampla do que a de Lula, como já sugere o realinhamento de forças políticas que vai tomando forma para o segundo turno. E, não só por isso, mas também por estar situado mais ao centro do espectro político, Serra teria melhores condições de dar encaminhamento suprapartidário a questões importantes no Congresso, especialmente em um cenário em que o PT se dispusesse a não votar sistematicamente contra toda e qualquer proposta do governo, como por tanto tempo fez no período FHC.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.